

SONHOS DO MEU PAI

BARACK OBAMA

Sonhos do meu pai

Uma história sobre raça e legado

Tradução

Denise Bottmann



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1995, 2004 by Barack Obama

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Dreams from My Father: A Story of Race and Inheritance

Capa

Steven Dana

Fotos de capa

Ao centro: David Katz

Preparação

Cláudia Cantarin

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Obama, Barack

Sonhos do meu pai : Uma história sobre raça e legado / Barack Obama ; tradução Denise Bottmann. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

Título original: Dreams from My Father : A Story of Race and Inheritance.

ISBN 978-85-359-3432-8

1. Afro-americanos – Autobiografia 2. Estados Unidos – Relações raciais 3. Obama, Barack, 1961- 4. Pessoas racialmente mestiças – Estados Unidos – Autobiografia 5. Presidentes – Estados Unidos – Autobiografia 6. Racismo – Estados Unidos I. II. Título.

20-48840

CDD-973.04960730092

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo : Estados Unidos : Afro-americanos : Autobiografia 973.04960730092

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Porque somos estrangeiros diante de ti,
e peregrinos como todos os nossos pais*

1 Crônicas 29:15

Sumário

<i>Prefácio à edição de 2004</i>	9
Introdução	17
PARTE I — Origens	23
PARTE II — Chicago	169
PARTE III — Quênia	357
<i>Epílogo</i>	503

Prefácio à edição de 2004

Quase uma década se passou desde a primeira publicação deste livro. Como menciono na introdução original, a oportunidade de escrevê-lo surgiu quando eu estava na faculdade de direito, por ter sido escolhido como o primeiro editor-chefe afro-americano da *Harvard Law Review*. Na onda de uma modesta publicidade, recebi um adiantamento de um editor e me pus a trabalhar, acreditando que a história da minha família e as minhas tentativas de compreendê-la poderiam despertar algum interesse quanto às fissuras raciais que marcam a experiência americana, e também quanto ao caráter fluido da identidade — os saltos temporais, os choques culturais — que marca nossa vida moderna.

Como a maioria dos autores estreantes, eu me sentia muito esperançoso, mas igualmente desesperado com a publicação do livro — esperançoso de que ele fosse além dos meus sonhos de juventude, desesperado em razão da possibilidade de ter deixado de dizer algo que merecesse menção. A realidade ficou num meio-termo. As resenhas foram razoavelmente favoráveis. De fato, algumas pessoas apareceram nos eventos organizados pelo editor.

As vendas foram decepcionantes. Depois de alguns meses, fui em frente, resignado com a brevidade da minha carreira de escritor, mas contente por ter sobrevivido mais ou menos incólume ao processo.

Nos dez anos seguintes, não tive muito tempo para reflexões. Dirigi um projeto de cadastramento de eleitores no ciclo eleitoral de 1992, passei a advogar na área dos direitos civis e comecei a dar aulas de direito constitucional na Universidade de Chicago. Minha esposa e eu compramos uma casa, fomos abençoados com duas filhas lindas, saudáveis e espoletas, lutávamos para pagar as contas. Quando vagou um assento no senado estadual, em 1995, alguns amigos me persuadiram a concorrer, e venci. Antes de assumir o cargo, fui avisado de que a política estadual não tem toda aquela aura do Legislativo de Washington; trabalha-se basicamente na obscuridade, em geral sobre questões de grande importância para alguns, mas que o indivíduo comum pode muito bem ignorar sem maiores problemas (a regulamentação das casas pré-fabricadas, digamos, ou as consequências tributárias da desvalorização de máquinas agrícolas). Mesmo assim, julguei o trabalho satisfatório, principalmente porque a escala da política estadual permite a obtenção de resultados concretos — a ampliação do período de assistência médica para crianças pobres ou uma reforma das leis que mandam pessoas inocentes para o corredor da morte — dentro de um prazo razoável. E também porque, dentro do parlamento de um estado grande e industrial, mantêm-se diariamente conversas constantes com o rosto de uma nação: mães dos bairros de baixa renda, agricultores que plantam milho e feijão, diaristas imigrantes ao lado de investidores de áreas nobres — todos se acotovelando para serem ouvidos, todos dispostos a contar suas histórias.

Alguns meses atrás, fui indicado pelo Partido Democrata para concorrer à vaga de Illinois no Senado federal. Foi uma dispu-

ta difícil, com candidatos de destaque, bem qualificados e com apoio significativo no financiamento da campanha; eu, sem respaldo organizacional nem riqueza própria, um negro com um nome esquisito, era visto como uma possibilidade muito remota. Assim, quando obtive a maioria dos votos na primária democrata, depois de vencer em áreas tanto de população negra como de branca, tanto nos bairros residenciais dos subúrbios como em Chicago, a reação subsequente me fez lembrar de como me senti na época da eleição para a *Law Review*. Os comentaristas da grande mídia manifestaram surpresa e uma esperança genuína de que a minha vitória assinalasse uma mudança maior na nossa política racial. Na comunidade negra, havia um sentimento de orgulho pela minha conquista, um orgulho que vinha mesclado à frustração resultante do fato de que, cinquenta anos depois de *Brown v. Board of Education* e quarenta anos depois da aprovação da Lei de Direito ao Voto, ainda tivéssemos de comemorar a possibilidade (e apenas a mera possibilidade, pois eu tinha pela frente uma eleição geral muito difícil) de que eu pudesse ser o único afro-americano — somente o terceiro desde a Reconstrução pós-Guerra Civil — a ter assento no Senado. A família, os amigos e eu ficamos levemente desconcertados com toda essa atenção, sempre cientes da distância entre o brilho reluzente das reportagens e as realidades prosaicas e confusas que fazem parte da vida.

Da mesma forma como aquela onda de publicidade de dez anos antes havia despertado o interesse do meu editor, essa nova leva de matérias o encorajou a reeditar o livro. Pela primeira vez em muitos anos, pego um exemplar e leio alguns capítulos, para verificar até que ponto minha voz mudara com o tempo. Confesso que, de vez em quando, me arrepio diante de uma palavra mal escolhida, de uma frase capenga, de uma expressão de emoção que parece indulgente ou forçada. Sinto vontade de cortar umas cinquenta páginas do livro, hoje imbuído de um gosto maior pela

concisão. Mas, para ser franco, não posso dizer que a voz neste livro não é minha — que hoje eu contaria a história de um jeito muito diferente daquele de dez anos atrás, mesmo que algumas passagens tenham se demonstrado inconvenientes do ponto de vista político, munição para comentários de especialistas e vasculhadores da oposição.

O que mudou, claro, e foi uma mudança drástica e decisiva, foi o contexto em que atualmente se pode ler o livro. Quando comecei a escrevê-lo, tinha como pano de fundo o Vale do Silício e um mercado financeiro em grande prosperidade; a queda do Muro de Berlim; Mandela — em passos lentos e firmes — saindo da prisão para dirigir um país; a assinatura dos tratados de paz em Oslo. Dentro dos Estados Unidos, nossos debates culturais — armas, aborto, letras de rap — pareciam tão intensos justamente porque a Terceira Via de Bill Clinton, um modesto Estado de bem-estar social sem maiores ambições, mas sem grandes arestas, parecia corresponder a um amplo consenso sobre questões básicas, consenso com o qual até o próprio George W. Bush, em sua primeira campanha com seu “conservadorismo compassivo”, teria de assentir. No exterior, escritores anunciavam o fim da história, o desenvolvimento do livre mercado e da democracia liberal, a substituição de antigos ódios e guerras entre nações por comunidades virtuais e disputas por uma fatia do mercado.

E, então, em 11 de setembro de 2001, o mundo se fraturou.

Ultrapassa a minha capacidade de escritor descrever aquele dia e os que estavam por vir — os aviões desaparecendo como espectros dentro do aço e do vidro; a queda, em câmera lenta, das torres desmoronando sobre si mesmas; os vultos cobertos de cinzas vagueando pelas ruas; a angústia e o medo. Tampouco sou capaz de entender o niilismo brutal que moveu os terroristas naquele dia e que ainda move seus companheiros. Meu poder de empatia, minha capacidade de chegar ao íntimo de outra pessoa,

não consegue penetrar o olhar vazio dos que assassinam inocentes com uma satisfação serena e abstrata.

O que sei é que a história deles retornou naquele dia com uma vingança; que, de fato, como nos lembra Faulkner, o passado nunca está morto e enterrado — na verdade, nem sequer é passado. Essa história coletiva, esse passado, tocam diretamente minha própria história. Não só porque as bombas da Al-Qaeda marcaram, com precisão sinistra, algumas paisagens da minha vida — os prédios, as ruas, os rostos de Nairóbi, Bali, Manhattan; não só porque, em decorrência do Onze de Setembro, meu nome é um alvo irresistível de sites mesquinhos operados por republicanos fanáticos. Mas também porque a luta subjacente — entre mundos de abundância e mundos de escassez; entre o moderno e o antigo; entre os que abraçam nossa diversidade fervilhante, conflitante, exasperante, ao mesmo tempo insistindo num conjunto de valores que nos une, e aqueles que buscam, sob qualquer bandeira, qualquer slogan ou texto sagrado, uma certeza e uma simplificação que justifiquem a crueldade contra os que são diferentes — é a mesma luta que este livro apresenta numa escala menor.

Conheço, tenho visto a desesperança e a desordem dos que não têm poder: como elas desfiguram a vida das crianças nas ruas de Jacarta ou de Nairóbi, tanto quanto a vida das crianças no South Side de Chicago; como é pequena a distância, para elas, entre a humilhação e a fúria desenfreada; a facilidade com que passam para a violência e o desespero. Sei que é inadequada a resposta dos poderosos a essa desordem — ao alternarem entre uma complacência apática e, quando a desordem ultrapassa os limites, o uso constante e irrefletido da força, de sentenças de prisão mais longas e de equipamentos militares mais sofisticados.

Assim, aquilo que era um esforço mais interior, mais íntimo da minha parte, para entender essa luta e encontrar o meu lugar nela, convergiu para um debate público mais amplo, no qual es-

tou profissionalmente engajado e que moldará a nossa vida e a vida dos nossos filhos ainda por muitos anos.

As implicações políticas de tudo isso seriam tema para outro livro. Permita-me terminar com uma observação pessoal. Os personagens presentes no livro continuam, em sua maioria, a fazer parte da minha vida, embora em graus variados — em função do trabalho, dos filhos, da geografia e das voltas do destino.

A exceção é minha mãe, que perdemos com brutal rapidez para o câncer poucos meses antes da publicação deste livro.

Ela passou os dez anos anteriores fazendo o que mais amava. Viajava pelo mundo, trabalhando nas aldeias distantes da Ásia e da África, ajudando as mulheres a comprar uma máquina de costura ou uma vaca leiteira, ou a frequentar um curso que fosse capaz de lhes servir de esteio na economia mundial. Somava amigos de todas as classes, fazia longas caminhadas, contemplava a Lua, vasculhava os mercados locais de Délhi ou de Marrakesh atrás de alguma ninharia, um lenço ou uma estatueta de pedra que agradasse seus olhos ou nela despertasse uma risada. Escrevia artigos, lia romances, infernizava os filhos, sonhava com netos.

Víamos-nos com frequência, nossos laços eram inquebráveis. Enquanto eu escrevia este livro, ela lia os rascunhos, corrigia os episódios que considerava que eu não havia entendido direito, ciosa em não comentar a minha caracterização sobre ela, mas sempre rápida em explicar ou defender os aspectos menos lisonjeiros do caráter do meu pai. Ela enfrentou a doença com graça e bom humor e ajudou minha irmã e a mim a seguirmos com nossa vida, apesar do medo que sentíamos, do nosso escapismo, dos súbitos apertos no coração.

Penso às vezes que, se eu soubesse que ela não sobreviveria à doença, talvez tivesse escrito um livro diferente — menos uma reflexão sobre um genitor ausente, mais uma celebração da genitora que foi a única constante na minha vida. Vejo-a todos os dias

nas minhas filhas; vejo sua alegria e sua capacidade de se encantar. Não tentarei descrever como ainda lamento profundamente a sua morte. Sei que ela foi o espírito mais bondoso, mais generoso que conheci na vida, devo a ela o que há de melhor em mim.

Introdução

De início, a intenção deste livro era outra. A primeira oportunidade de escrevê-lo surgiu quando eu ainda estava na faculdade de direito, depois de ter sido escolhido o primeiro editor-chefe negro da *Harvard Law Review*, um periódico jurídico pouco conhecido fora da área. Essa eleição foi muito divulgada, inclusive em vários artigos de jornal que comprovavam não tanto minhas modestas realizações, e sim o lugar especial que a Escola de Direito de Harvard ocupa na mitologia americana, bem como o afã dos Estados Unidos em encontrar algum sinal otimista no fronte racial — alguma pequena prova de que, afinal, havia ocorrido algum progresso. Alguns editores telefonaram, e eu, imaginando que tinha algo original a dizer sobre a situação das relações sociais em curso, concordei em reservar o ano subsequente à formatura para pôr minhas ideias no papel.

Naquele último ano do curso de direito, comecei a organizar mentalmente, com segurança assustadora, como seria o livro. Um ensaio sobre os limites da litigância em direitos civis para alcançar a igualdade racial, com reflexões sobre o senso de comunida-

de e a restauração da vida pública por meio de organizações de base, além de considerações sobre a ação afirmativa e o afrocen-trismo — a lista de temas ocupava uma página inteira. Incluiria experiências pessoais, claro, a análise das fontes de certas emo-ções recorrentes. Em resumo, imaginei para mim mesmo uma jornada intelectual completa, com mapas, paradas e um itinerá-rio rigoroso: terminaria a primeira parte em março, entregaria a segunda para ser revisada em agosto...

Mas, quando de fato sentei e comecei a escrever, percebi que meus pensamentos se voltavam para terrenos mais sólidos. Res-surgiram velhos sonhos. Vozes distantes apareciam, sumiam e en-tão reapareciam. Lembrei-me das histórias que a minha mãe e os pais dela me contavam quando eu era criança, as histórias de uma família tentando entender a si mesma. Lembrei-me do meu pri-meiro ano como líder comunitário em Chicago e das inseguran-ças nessa passagem para a idade adulta. Ouvi minha avó, sentada sob uma mangueira enquanto trançava o cabelo da minha irmã, descrevendo o pai que nunca cheguei a conhecer de verdade.

Diante desse fluxo de lembranças, todas as minhas teorias tão bem organizadas pareceram vazias e prematuras. Mesmo as-sim, resisti firmemente à ideia de apresentar meu passado em um livro, um passado que me fazia sentir vulnerável e até um pouco envergonhado. Não porque tenha sido cruel ou doloroso, mas porque toca em aspectos pessoais que fogem a uma escolha cons-ciente e — pelo menos na superfície — contradizem o mundo em que vivo atualmente. Afinal, estou com 33 anos; trabalho co-mo advogado atuante na vida social e política de Chicago, cidade que está acostumada às chagas raciais e que se orgulha dessa certa insensibilidade. Se fui bem-sucedido em deixar de lado o ceticis-mo, mesmo assim julgo que tenho experiência e prudência sufi-cientes para não alimentar expectativas demais.

Apesar disso tudo, o que mais me impressiona quando penso na história da minha família é o veio contínuo de inocência, uma inocência que parece inimaginável, mesmo avaliada sob os critérios da infância. O primo da minha esposa, que tem apenas seis anos de idade, já perdeu essa inocência. Semanas atrás, o menino contou aos pais que alguns colegas do primeiro ano do ensino fundamental não quiseram brincar com ele por causa da cor imaculadamente escura de sua pele. Claro que os pais, nascidos e criados em Chicago e em Gary, perderam a inocência muito tempo atrás e, embora não guardem ressentimento — são as pessoas mais fortes, orgulhosas e desembaraçadas que conheço —, nota-se na voz deles um tom dolorido quando começam a questionar se agiram bem ao se mudar do centro da cidade para um bairro majoritariamente branco, decisão que tomaram para proteger o filho da possibilidade de ser atingido num tiroteio entre gangues e da certeza de frequentar uma escola de poucos recursos.

Eles sabem demais, todos nós vimos coisas demais para aceitar a breve união dos meus pais — um negro e uma branca, um africano e uma americana — sem questionar. Em decorrência disso, algumas pessoas têm dificuldade em me aceitar sem questionar. Quando as pessoas que não me conhecem bem, brancas ou negras, descobrem minha origem (e costuma ser uma descoberta mesmo, porque parei de anunciar a raça da minha mãe aos doze ou treze anos de idade, quando comecei a desconfiar que, dessa maneira, parecia que eu queria conquistar a simpatia dos brancos), vejo os rapidíssimos ajustes que precisam fazer, buscando nos meus olhos algum sinal revelador. Não sabem mais quem sou. Em seu íntimo, suponho que ficam imaginando meus dramas internos — a mistura de sangue, a alma dividida, a imagem fantasmagórica do trágico mulato preso entre dois mundos. E, se eu fosse explicar que não, que a tragédia não é minha ou, pelo menos, não é só minha, é de vocês, filhos e filhas de Plymouth

Rock e Ellis Island, é de vocês, filhos e filhas da África, é a tragédia do primo da minha mulher, com seis anos de idade, e dos colegas brancos no primeiro ano de escola... Portanto, vocês não precisam tentar adivinhar o que me perturba, está no telejornal para todos verem, e, se ao menos conseguirmos admitir isso, o ciclo trágico começará a se romper... Bem, pode ser que eu pareça irremediavelmente ingênuo, abraçado a esperanças perdidas, como aqueles comunistas que distribuem seus jornais em volta das universidades. Ou, pior, pode parecer que quero me esconder de mim mesmo.

Não critico as pessoas por causa dessas desconfianças. Faz muito tempo que aprendi a duvidar da minha infância e das histórias que a formaram. Só muitos anos mais tarde, depois que me sentei junto ao túmulo do meu pai e conversei com ele no solo vermelho da África, consegui fechar o círculo e fazer minha própria avaliação sobre as primeiras histórias que ouvi. Ou, em termos mais precisos, foi só então que entendi que eu havia passado muito tempo na vida tentando reescrever essas histórias, buscando preencher lacunas na narrativa, encaixando detalhes incômodos, projetando escolhas individuais na amplidão cega da história, tudo isso na esperança de obter uma base sólida de verdade sobre a qual os filhos e as filhas que terei possam se firmar.

A certa altura, portanto, apesar do desejo obstinado de me proteger de escrutínios, apesar do impulso periódico de abandonar o projeto, o que acabou compondo estas páginas foi o registro de uma jornada pessoal, interior — um menino em busca do pai e, com ela, a busca de um sentido viável para a sua vida como afro-americano. O resultado é autobiográfico, embora eu costumassem evitar essa qualificação sempre que alguém me perguntava nesses últimos três anos qual era o tema do livro. Uma autobiografia promete realizações dignas de registro, conversas com pessoas famosas, um papel de destaque em acontecimentos impor-

tantes. Não há nada disso aqui. Uma autobiografia supõe, no mínimo, uma síntese, um tipo de fechamento, o que dificilmente cabe a alguém com a minha idade, ainda tentando mapear o próprio caminho no mundo. Nem sequer posso apresentar minha experiência como representativa da experiência americana negra (“Afinal, você não vem de uma origem subprivilegiada”, como prestimosamente me apontou um editor de Manhattan); na verdade, uma parte deste livro é justamente sobre aprender a aceitar essa verdade específica — que posso abraçar meus irmãos e irmãs negras, nos Estados Unidos ou na África, e defender um destino em comum sem ter a pretensão de falar para ou por todas as nossas diversas lutas.

Por fim, existem os riscos inerentes a qualquer trabalho autobiográfico: a tentação de apresentar os fatos sob uma luz favorável ao escritor, a tendência de superestimar o interesse das experiências pessoais para os outros, lapsos de memória seletivos. Esses riscos aumentam ainda mais quando o escritor não tem a sabedoria da idade, a distância que pode sanar algumas vaidades. Não posso dizer que consegui evitar todos, nem mesmo algum desses riscos. Ainda que grande parte do livro se baseie em publicações de época ou nas histórias orais da minha família, os diálogos são apenas e inevitavelmente aproximados, e não literais como foram ditos ou transmitidos. Por uma questão de condensação, alguns personagens representam um misto de pessoas que conheci, e algumas ocorrências não seguem uma cronologia exata. À exceção da minha família e de algumas figuras públicas, os nomes da maioria dos personagens foram alterados para preservar sua privacidade.

Como quer que se qualifique o livro — autobiografia, memórias, história de família ou algo assim —, o que procurei fazer foi escrever um relato honesto de uma área específica da minha vida. Quando sentia ter perdido o rumo, recorria à minha agente,

Jane Dystel, com sua confiança e persistência; ao meu editor, Henry Ferris, com suas correções gentis, porém firmes; a Ruth Fecych e à equipe da Times Books, com seu entusiasmo e cuidado em acompanhar o manuscrito ao longo das várias etapas; aos meus amigos, em especial Robert Fisher, pelas leituras generosas; e à minha maravilhosa esposa, Michelle, com sua inteligência, elegância, franqueza e infalível capacidade de incentivar meus melhores impulsos.

É à minha família, porém — à minha mãe, aos meus avós, aos meus irmãos e irmãs, espalhados por oceanos e continentes —, que devo a mais profunda gratidão e a quem dedico este livro. Sem o apoio e o amor constante deles, sem a generosidade em me deixarem entoar sua música e sem a tolerância diante de alguma nota desafinada, jamais poderia tê-lo terminado. Espero, quando menos, que o amor e o respeito que sinto por eles resplandeçam em todas as páginas.

PARTE I

Origens

1.

Alguns meses depois que completei 21 anos de idade, uma desconhecida me ligou para dar a notícia. Na época, eu morava em Nova York, na rua 94 entre a Segunda e a Primeira Avenida, parte daquela divisa anônima e variável entre o leste do Harlem e o resto de Manhattan. Era um quarteirão pouco atraente, sem árvores, árido, com prédios cor de fuligem sem elevador que projetavam sombras densas durante a maior parte do dia. O apartamento era pequeno, de assoalho empenado e aquecimento irregular, com uma campainha no térreo que não funcionava, de modo que as visitas tinham de avisar antes, ligando para um telefone público que ficava no posto de gasolina na esquina, onde um doberman preto do tamanho de um lobo montava guarda durante a noite e andava de um lado para outro segurando uma garrafa vazia de cerveja entre as presas.

Nada disso me afetava muito, pois eu não recebia muitas visitas. Naqueles dias eu vivia impaciente, cheio de trabalho e de planos a realizar, e tinha a tendência de ver os outros como distrações desnecessárias. Não que eu não gostasse de companhia. Tro-

cava amenidades em espanhol com meus vizinhos, na maioria porto-riquenhos, e, quando voltava das aulas, costumava parar para conversar com a turma que ficava sentada na frente dos prédios, o verão todo, falando sobre os Knicks ou os tiros que tinham ouvido na noite anterior. Quando o tempo estava bom, meu colega de apartamento e eu sentávamos na escada de incêndio, no lado de fora, fumando um cigarro e olhando o anoitecer que tingia a cidade de azul, ou observando os brancos dos bairros melhores da vizinhança, que vinham ao nosso quarteirão passear com seus cachorros para os bichos defecarem no meio-fio — meu colega gritava furioso “Recolham o cocô, seus filhos da mãe!”, e ríamos na cara do dono e do cachorro, carrancudos e impenitentes, enquanto se agachavam para fazer o serviço.

Eu desfrutei dessas horas — mas não por muito tempo. Se a conversa ficava muito longa ou se entrava em terreno pessoal, logo arranjava um pretexto para ir embora. Estava acostumado demais com o conforto da minha solidão, o lugar mais seguro que eu conhecia.

Lembro que no apartamento ao lado morava um senhor de idade que parecia ter o mesmo gênio que eu. Esquelético, encurvado, vivia sozinho e usava um casacão preto pesado e um chapéu de feltro disforme nas raras vezes em que saía de casa. De vez em quando eu topava com ele voltando da loja e me oferecia para carregar suas compras pelos longos lances de escadas. Ele me olhava, dava de ombros e começávamos a subida, parando em cada patamar para que ele recuperasse o fôlego. Quando finalmente chegávamos ao apartamento dele, eu pousava com cuidado as sacolas no chão, ele abaixava de leve a cabeça num gesto de cortesia e então entrava arrastando os pés e trancando a porta. Não trocávamos nenhuma palavra e nunca ouvi um “obrigado”.

O silêncio daquele senhor me impressionava; eu o via como um parente espiritual. Depois de um tempo, meu colega de apar-

tamento o encontrou caído no patamar do terceiro andar, os olhos abertos, os membros rígidos e encurvados como os de um bebê. Juntou-se uma multidão; algumas mulheres se benzeram e as crianças menores cochichavam alvoroçadas. Por fim chegaram os paramédicos para levar o corpo, e a polícia entrou no apartamento dele. Era aseado, quase vazio — uma cadeira, uma mesa, o retrato desbotado de uma mulher de sobrancelhas espessas e sorriso meigo no console da lareira. Abriram a geladeira e lá, enroladas em jornal velho, cuidadosamente alinhadas atrás dos vidros de pickles e de maionese, havia quase mil dólares em notas miúdas.

A solidão da cena me tocou e, por uma fração de segundo, fui tomado pelo desejo de ter conhecido melhor aquele homem. Mas imediatamente me arrependi de sentir essa vontade e o pesar que a acompanhava. Foi como se um acordo tivesse se rompido entre nós — como se aquele homem, naquele aposento desolado, sussurrasse uma história obscura, contando-me coisas que eu preferia não ouvir.

Deve ter sido cerca de um mês mais tarde, numa manhã fria e escura de novembro, o sol pálido escondido por trás do nevoeiro, que veio o outro telefonema. Eu estava preparando o café da manhã, a chaleira no fogão e dois ovos na frigideira, quando meu colega me estendeu o telefone. A ligação estava com muita interferência.

“Barry? É você, Barry?”

“Sim, sou eu... Quem fala?”

“Olá, Barry... é a sua tia Jane. De Nairóbi. Está me ouvindo?”

“Desculpe, quem você disse que é?”

“Tia Jane. Ouça, Barry, o seu pai morreu. Foi um acidente de carro. Alô? Está me ouvindo? O seu pai morreu. Me faça um favor, Barry: avise o seu tio em Boston. Não dá para conversar agora, Barry. Vou tentar ligar outra hora...”

E só. A ligação caiu, eu me sentei no sofá, sentindo o cheiro de ovos queimados na cozinha, olhando as rachaduras na parede, tentando avaliar minha perda.

Quando meu pai morreu, ele continuava a ser um mito para mim, mais e ao mesmo tempo menos do que um homem. Ele deixara o Havái em 1963, quando eu estava com dois anos, de modo que, quando criança, só o conheci pelas histórias que minha mãe e meus avós contavam. Todos tinham suas favoritas, cada qual uma peça inteiriça, lisa e lustrosa de tanto ser repetida. Ainda vejo meu avô reclinado em sua velha poltrona depois do jantar, bebendo uísque e usando o celofane do maço de cigarros para limpar entre os dentes, contando de novo a história da vez em que meu pai quase atirou um sujeito do Mirante de Pali por causa de um cachimbo...

“Foi assim: a sua mãe e o seu pai resolveram pegar esse amigo que estava visitando os pontos turísticos da ilha. Foram até o Mirante e, ao longo de todo o caminho até lá, Barack foi pelo lado errado da estrada...”

“O seu pai era péssimo motorista”, explica minha mãe. “Sempre acabava indo pelo lado esquerdo, como fazem os ingleses, e, se alguém dissesse alguma coisa, ele ficava bravo e reclamava da idiotice das normas americanas...”

“Bom, dessa vez eles chegaram inteiros, saíram do carro e foram se apoiar na grade para admirar a paisagem. Barack estava fumando o cachimbo que eu tinha dado de presente de aniversário para ele, apontando as paisagens com a piteira, como um capitão de navio...”

“O seu pai tinha um orgulho enorme daquele cachimbo”, interrompe minha mãe outra vez. “Fumava a noite toda enquanto estudava e às vezes...”

“Olha, Ann, quer você contar a história ou vai me deixar terminar?”

“Desculpe, pai. Continue.”

“Bom, o pobre sujeito... era outro estudante africano, não era? Tinha acabado de chegar. O coitado deve ter ficado impressionado com a pose de Barack segurando aquele cachimbo, porque perguntou se podia dar uma pitada. O seu pai pensou um instante e então concordou, e aí, na hora em que deu a primeira tragada, o sujeito se engasgou e teve uma crise de tosse. Tossia tanto que o cachimbo escorregou da mão dele, caiu pela grade e rolou uns trinta metros penhasco abaixo.”

Meu avô para, toma mais um golinho de uísque do frasco de bolso e retoma a história.

“Bom, aí o seu pai teve a gentileza de esperar que o amigo parasse de tossir e então falou para ele descer pela grade e ir buscar o cachimbo. O cara deu uma espiada naquela descida em noventa graus e falou pro Barack que preferia comprar outro para repor...”

“Muito sensato”, diz Toot lá da cozinha. (Nós chamamos minha avó de Tutu, e Toot para facilitar; quer dizer “avó” ou “avô” em havaiano, pois, no dia em que nasci, ela decidiu que ainda era nova demais para ser chamada de vovó.) Meu avô faz cara feia, mas resolve passar por cima da interrupção.

“... mas Barack foi inflexível e queria o cachimbo *dele* de volta, porque era um presente, e não dá para substituir presentes. Assim, o sujeito deu outra olhada, meneou de novo a cabeça e foi aí que o seu pai levantou ele do chão e começou a balançar o cara por cima do gradil!”

Meu avô solta uma gargalhada e dá um tapa jovial no joelho. Enquanto ri, me imagino olhando para cima, para o meu pai, escuro contra o sol brilhando, o transgressor abanando os braços pendurado no ar. Uma visão alarmante de justiça.

“Ele não balançou realmente o cara por cima do gradil, pai”, diz minha mãe, me olhando preocupada, mas meu avô toma mais um gole de uísque e se inclina para a frente.

“A essa altura, outras pessoas começaram a olhar, e a sua mãe implorava para que Barack parasse. Na minha opinião, o amigo dele prendeu a respiração e já estava orando para Deus. Bom, seja como for, depois de uns dois minutos, o seu pai pôs o sujeito de volta no chão, deu um tapinha nas costas dele e sugeriu, com a maior calma do mundo, que todos fossem tomar uma cerveja. E sabe de uma coisa? Foi assim que o seu pai se comportou pelo resto do passeio, como se nada tivesse acontecido. Claro que a sua mãe ainda estava louca da vida quando chegaram em casa. Na verdade, ela quase nem falava com ele. Mas Barack também não ajudava muito, porque, quando a sua mãe tentou nos contar o que tinha acontecido, ele só balançou a cabeça e começou a rir. ‘Sossega, Anna’, ele falou. O seu pai tinha uma voz grave de barítono, sabe, e um sotaque britânico.”

Nesse ponto, meu avô afunda o queixo no pescoço, para dar todo o efeito da coisa.

“‘Sossega, Anna’, Barack falou. ‘Eu só quis ensinar pro cara que ele precisa ter cuidado com as coisas dos outros!’”

Sempre que contava essa história, meu avô desandava a rir até começar a tossir, e Toot murmurava baixinho que ainda bem que meu pai entendeu que o cachimbo tinha caído por mero acidente, pois, do contrário, quem sabe o que podia ter acontecido, e minha mãe me olhava revirando os olhos e dizendo que era exagero deles.

“O seu pai pode ser um pouco impositivo”, admitia minha mãe com o despontar de um sorriso. “Mas é só porque ele é basicamente uma pessoa muito honesta. E por isso às vezes acaba sendo intransigente.”

Ela preferia um retrato mais ameno do meu pai. Contava a